

Povos Indígenas no Brasil

Fonte JORNAL DO BRASIL

Class.:

992

Data 15/02/86

Pg.:

Costa Couto tenta manter Apoena à frente da Funai

Brasília — "Formalmente, Apoena Meirelles continua presidente da Funai. O trabalho dele está muito bom e precisa ter prosseguimento. Assim o ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, definiu a situação do presidente demissionário da fundação, que lhe mandou uma carta de despedida na quinta-feira.

Segundo o ministro, Apoena "não pediu demissão, mas apenas entregou o cargo, o que é diferente". Costa Couto explicou que volta a conversar com Apoena na próxima segunda-feira, quando tentará "encontrar uma solução para o caso", e negou que tenha outros nomes em vista para o cargo.

Nomes

Na sede da Funai, um dos nomes citados como possíveis substitutos de Apoena Meirelles era Francisco Moreira da Cruz, 32 anos, superintendente que entregou o cargo junto com Apoena. Economista do Ministério do Interior, já trabalhou várias vezes na Funai. Contudo, fontes da Funai acreditam que possa haver resistência de setores indígenas à sua indicação.

Também eram citados os nomes de Irany Cunha, ex-delegado da Funai, Aureo Faleiros, agrimensor, funcionário da Fundação e Cláudio Romero, antropólogo, demitido da Funai pelo ex-presidente Alvaro Villas Boas, que deixou o cargo depois de grande pressão dos indígenas.

Apoena Meirelles foi o quinto presidente da Funai nos últimos 11 meses. Alguns assessores acreditam que a tendência é que cada presidente permaneça mesmo por pouco tempo no cargo. Segundo eles, será difícil encontrar alguém que consiga agradar a todos os setores indígenas, muito fragmentados pelas diferentes realidades do Sul, Nordeste, Centro-Oeste e Norte do país.

Inviabilidade

Insuficiência orçamentária, dificuldade para realizar a pretendida descentralização administrativa, carência de pessoal. Estas razões, que fazem da Funai "um órgão inviável", na sua opinião, levaram o sertanista Apoena Meirelles a demitir-se de sua presidência, cargo que ocupou durante três meses. O ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, deve indicar na próxima segunda-feira o nome de seu sucessor.

De bom trânsito entre os indígenas — sua posse, no dia 2 de novembro do ano passado, foi a mais concorrida de todos os presidentes da Funai, levando 400 índios ao auditório do Ministério do Interior — Apoena preferiu sair antes que comessem campanhas contra ele. Em sua carta de demissão, disse que o orçamento da fundação já estará comprometido ao final do primeiro trimestre.

A Funai conta com um orçamento, para este ano, de Cr\$ 271 bilhões, grande parte para pagamento dos 4 mil funcionários em todo país, 440 dos quais em Brasília. No ano passado, de um orçamento de Cr\$ 67 bilhões, Cr\$ 3 bilhões 700 milhões foram gastos com passagens, alimentação e hospedagem dos índios que viajam até Brasília — a despesa média, com cada um, é de Cr\$ 250 mil por dia.

Por esta razão, Apoena queria transferir a sede da Funai para Manaus ou Belém — onde ele próprio mantém negócios particulares. Para-

lelamente à transferência, Apoena propunha a criação de superintendências regionais — Norte, Sul, Centro-Oeste, Nordeste — que atenderiam aos índios de todo o país sem necessidade de longas viagens. A inviabilidade da reformulação da Funai levou o sertanista a demitir-se, antes que a insatisfação crescente dos índios — prevista por ele — fizesse com que seu bom relacionamento na área ficasse comprometido.

Com a média de um presidente a cada dois meses, a Funai da Nova República, em apenas 11 meses, está em situação muito pior do que a Funai dos governos anteriores. Ao longo dos seis anos do governo Figueiredo, teve seis presidentes, numa média de um por ano, e agora as trocas se intensificaram com uma inovação: dois ex-presidentes — os sertanistas Alvaro Villas Boas e Apoena Meirelles — deixaram os cargos com a mesma convicção: "A Funai é inviável".

Cercada por um clima de impaciência e irritação dos seus presidentes, dos índios e do governo, a Funai era temida por Apoena Meirelles. Ao assumir, em outubro passado, afirmou: "O que mais me perturba é o que pode vir por trás do quinto presidente e até onde vai a paciência do governo e dos índios". Meirelles teve quatro meses de paciência.

Vida boa

Frágil como seus antecessores, diante das pressões dos índios, Meirelles fez também acusações idênticas às de Villas Boas, à intromissão da Igreja na direção da Funai. Os dois últimos presidentes acusam o Cimi (Conselho Indigenista Missionário) de não apresentar propostas para solucionar ou conciliar os interesses dos índios, mas incitá-los a contestar os presidentes da Funai.

Desde o início de sua gestão, Apoena sentiu o assédio dos índios dentro da sede da Funai, tendo que receber 50 deles, líderes de 225 outros que estavam em Brasília. Apoena conseguiu convencer a maioria a retornar às aldeias, prometendo descentralizar a Funai, fortalecendo as delegacias regionais. Seu antecessor, Villas Boas, porém, não exibiu qualquer otimismo em relação à promessa.

Ele tentara desativar a delegacia de Salvador, criando duas outras mais próximas das reservas indígenas e 100 índios ocuparam a delegacia. Um grupo desses índios se hospedava em hotéis à beira da praia, tomando água de coco pela manhã e, à tarde, gastando milhões de cruzeiros em telefonemas na delegacia de Salvador, que Villas Boas tentava extinguir. O Ministério da Justiça foi acionado para retirar os índios, mas o então ministro, Fernando Lyra, não autorizou o deslocamento da polícia, segundo Villas Boas. O resultado foi a queda do presidente da Funai.

Apoena assumiu o problema e os índios saíram vitoriosos. Com 36 anos, o sertanista Apoena Meirelles é profundo conhecedor da causa indígena. Aos cinco anos de idade já participava de expedições com seu pai, o também sertanista Francisco Meirelles, conhecido como pacificador dos xavantes. Aos 19 anos, Apoena aproximou-se de uma tribo arredia, os cinta-larga, de Rondônia, estado onde passou grande parte da vida trabalhando com índios.